

AS UNIVERSIDADES PORTUGUESAS NOS ANOS 30¹

MARIA DE FÁTIMA NUNES
 Universidade de Évora / IHC-U.E. / In2Past
 (Orcid: 0000-0003-1492-9948)

ELISABETE PEREIRA
 IHC-U.E. / In2Past
 (Orcid: 0000-0001-7005-1493)

QUINTINO LOPES
 IHC-U.E. / In2Past
 (Orcid: 0000-0002-1510-0907)

ÂNGELA SALGUEIRO
 NOVA-FCSH/ IHC-U.E. / In2Past
 (Orcid: 0000-0001-8053-4050)

As Universidades Portuguesas: Ensino & Investigação

No recorte geográfico da Europa ocidental destaca-se o retângulo atlântico encaixado na imensidão territorial da Península Ibérica, coberta com a capucha dos Pirenéus. O liberalismo oitocentista europeu deixou marcas transnacionais em Portugal e Espanha com encontros e desencontros de cronologias políticas, entre o fim de Antigo Regime e o advento de Constituição Liberal *vs.* Monarquia Constitucional; temos ainda o fim de século XIX marcado pelas tensões de modelo de Estado decorrentes dos avanços da República. É neste caldo de uma Europa do século XX que devemos inserir o recorte institucional da Universidade portuguesa no século dos Extremos.

O significado da rutura de regime de implantação da República ditou a construção de um discurso historiográfico comemorativo do 1^o Centenário da implantação da I República em Portugal, a 5 de Outubro de 1910. O ciclo de

1 Proyecto 2REC: “Desafíos educativos y científicos de la Segunda República”, PG-C2018-097391-B-IOO. Instituto de Historia (Centro de Ciencias Humanas y Sociales), CSI-C-Universidad Carlos III de Madrid. DIRECCIÓN: Leoncio López-Ocón Cabrera y Álvaro Ribagorda. leoncio.lopez-ocon@cchs.csic.es y aribagor@hum.uc3m.es. <https://2rec.usal.es>

comemorações científicas gerou uma saga editorial temática da Assembleia da República, com particular destaque para o *Dicionário da História da República e do Republicanismo*² espelhando os ventos republicanos legislativos de 1911, na necessidade de reorganizar a rede de Universidades em Portugal, colocando a investigação como um dos argumentos de retórica legislativa republicana na Reforma de 1911.³ Alguns traços matriciais dessa organização administrativa enquadraram os tecidos de comunidade científica em Portugal. Manter a *alma mater* de Coimbra –«velha Universidade de Coimbra»-, transformar por decreto a Academia Politécnica do Porto em Universidade do Porto e também por decreto a transmutação da Escola Politécnica de Lisboa e Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa em Universidade de Lisboa. Estava montado o tripé organizativo de longa duração, até implantação da Democracia em Portugal, após revolução dos cravos de 25 de Abril de 1974.

A longa duração traz permanências de funcionamento às Universidades em Portugal no século XX; no final do Estado Novo –1973– inicia-se uma reforma para instaurar novas configurações na Universidade em Portugal. Resurgir a Universidade de Évora, pensar na Universidade Nova de Lisboa, com uma Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, alargar o território para uma Universidade em Aveiro e outra em Braga. Esse plano ficou em *stand-by* durante os primeiros meses da Revolução dos Cravos de 1974. E foi recuperado e posto em marcha pelo poder legislativo da Democracia na segunda metade dos anos 70's do século XX.⁴

2 ROLLO, Maria Fernanda (Coord.): *Dicionário de História da I República e do Republicanismo*, 3vols, Lisboa, Ed. Assembleia da República, 2013-2014.

3 Cfr. MATOS, Sérgio Campos: “A Reforma Republicana do Ensino Superior, a Investigação Científica e as Universidades”, in Maria Paula DIOGO; Cristina LUÍS; M. Luísa SOUSA (Eds): “Inovação. Contestação no século XX”, in Maria Paula DIOGO; Ana SIMÕES (Coord. Geral): *Ciência. Tecnologia e Medicina na Construção de Portugal*, Vol. 4, Lisboa, Ed. Tinta-da-china, 2021, pp. 31-51.

4 Sobre a refundação da Universidade de Évora ver NUNES, Maria de Fátima: *Historiador(a): um ofício em perpétuo movimento...Lição de Abertura do Ano Letivo de 2019-2020, 1 de Novembro da Universidade de Évora 2019*, Suporte Eletrónico do Repositório da Universidade de Évora, Dezembro 2019. Sobre a transição da Universidade em Portugal para o tempo da Democracia – ensino investigação ver o recente estudo de SOARES, Hugo: *O Instituto Nacional de Investigação Científica: Percurso e influência na política científica portuguesa (1976-1992)*, Tese de Doutoramento História, Filosofia e Património da Ciência e da Tecnologia, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Nova de Lisboa. [defendida na Primavera de 2022].

As ruturas de regime Monarquia–República implicaram apoios nas novas configurações organizativas das instituições de formação superior –a dupla formatação de Universidade / Politécnica oitocentista fundiram-se, abrindo novos caminhos para dialogar com modelo de Universidade europeia!-. E com uma aceleração de tempo histórico da Europa os anos 30 são, hoje, olhados pela historiografia de história da ciência quase como uma saga de Hollywood –os fabulosos (e intrigantes) anos 30 em Portugal-.⁵

Mas é importante reinterpretar as cronologias políticas, que nem sempre são úteis para criar ruturas na história da prática científica e na história das comunidades científicas inseridas na dinâmica de prática científica de Instituições–Universidades, Laboratórios, Institutos, Observatórios, Museus de História Natural ou Jardins Botânicos.⁶ É determinante questionar e dialogar com as cronologias de marcos políticos, indicadores de ruturas legislativas para percebermos que as novas agendas de fazer história da ciência –inserindo as periferias numa visão de troca e de circulação global-⁷ vão para além de cortes de construção de memória de datas monumentais –5 de Outubro 1910; 28 de Maio 1926; Constituição de 1933-.⁸ Datas –marcadores de referência da linha do tempo– que trazem os sinais da modernidade setecentista das Luzes em Portugal, da prática política, cultural, social e económica da ilustração por parte do poder político do magistério do Marquês de Pombal. Sinais de futuro moldados pelo Liberalismo da matriz Politécnica e transformados em retórica e linguagem de mapa de Universidade pela República em Portugal.

Três cidades estruturantes de um território metropolitano; três Universidades que arquivam uma ponte com a Europa científica com a Reforma

5 SIMÕES, Ana; SÁNCHEZ, Antonio: “Introduction: The Fabulous 1930s in the History of Science and Technology”, *HoST - Journal of History of Science and Technology*, vol.14, no.2, (2020), pp.1-12.

6 SARAIVA, Tiago; MACEDO, Marta (Eds): *Capital Científica. Práticas da Ciência em Lisboa e a História Contemporânea de Portugal*, Lisboa, Ed. I.C.S., 2019.

7 SIMÕES, Ana: “History of Science and Technology in Portugal: Networking in the European Periphery” in Alexander BLUM; Kostas GAVROGLU, Joas and Jürgen RENN (Eds): *Shifting Paradigms: Thomas S. Kuhn and the History of Science*, MPIWG Open Access, 2016, pp. 361-378.

8 5 de Outubro 1910 – implantação da I República em Portugal; 28 de Maio 1926 – Golpe Militar de Braga, fim da I República e início de Ditadura Militar, com ascensão política e Oliveira Salazar; Constituição de 1933, início constitucional do período do Estado Novo, ditadura de matriz fascista que perdurará até Revolução dos Cravos: 25 de Abril 1974.

legislativa de 1911: Universidade de Lisboa, Universidade de Coimbra, Universidade do Porto⁹ com fortes traços científicos de uma internacionalização e europeização de um Portugal colonial (África XIX-1974).¹⁰ De facto, a nova configuração organizativa e estruturante da I República (1910-1926) foi contrabalançada com permanências científicas. Os espaços que foram reutilizados e rebatizados; as estruturas de investigação e de ensino no –e.g. laboratórios, anfiteatros– e, acima de tudo, a comunidade científica existente, trabalhando em rede com a comunidade internacional, fazendo circular e trocar saberes, métodos, conhecimentos: importante meta para aferir estas permanências os congressos científicos e as publicações científicas nas quais a comunidade científica portuguesa se encontrava inserida de forma plena desde o último quartel do século XIX, acompanhando o movimento de “parlamentos científicos” que esboçavam itinerários de viagens científicas pela Europa e anunciavam primeiras presenças no mundo americano. Um exemplo paradigmático é recordar a importância científica da realização do XV Congresso Internacional de Medicina de 1906, renovação urbana do Campo dos Mártires de Pátria (evocação do liberalismo de 1820) com o novo edifício da Escola Médica de Lisboa que se transforma em Faculdade de Medicina em 1911¹¹ e assim permanece ao longo da primeira metade do século XX português.¹²

Deste modo, chegar aos anos 30 da história da Universidade em Portugal implica olhar para a dupla dimensão de –*Universidades e Investigação–linhas de continuidade e clivagens–* entre a história da ciência e a cronologia de história política que não têm que ser coincidentes. A rutura política da República *apenas* implicou que jesuítas cientistas fossem afastados do país e dos seus instrumentos científicos nos colégios que dirigiam.¹³ Sob o ponto de vista estrutural, a comunidade científica existente moldou-se aos ventos repu-

9 SALGUEIRO, Ângela: *Ciência e Universidade na I República*, Casal de Cambra, Caleidoscópio, 2018.

10 Sinalizar que a mudança de regime implicar a purga do corpo docente das Universidades de forma generalizada e imediata apenas teve lugar em 1974-1975, durante o PREC e quando as Universidades portuguesas estiveram fechadas e inoperantes. Cfr. SOARES, Hugo: *O Instituto Nacional de Investigação Científica...*

11 NUNES, Maria de Fátima: “Património, Saúde e Medicina, ou a Arte de Dar vida à Memória. Trilhos de Cultura & Ciência”, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, volume 60, (2020), pp. 303-3013.

12 Hoje é Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Nova de Lisboa.

13 ROMEIRAS, Francisco Malta: *A Biblioteca Erudita de Campolide. A história de uma biblioteca jesuítica dispersa pela República*, Lisboa, Ed. Lucerna, 2022.

blicanos –o republicanismo emergiu deste caldo científico e cultural vigente desde o final do século XIX em Portugal-. Assim se foi chegando aos anos 30, aos anos de Estado Novo, anos de não tolerância e a vigência de nova Constituição corporativa de 1933, em sintonia com os movimentos de fascismo da Europa da época. Sem ruturas dramáticas em termos de exercício de prática científica, a prática da ciência (parece) que foi navegando nas águas nacionais e internacionais que já se haviam firmado sobre o retângulo peninsular, com um império colonial em África e pequenos pontos de sinalização na Ásia (Timor e Goa, na Índia).¹⁴ Com os dez anos de comemoração da Revolução Nacional do Estado Novo (1926-1936) sinalizam-se as ruturas de exclusão política de cientistas e professores universitários. As purgas de limpeza académica de Oliveira Salazar nas décadas de trinta e quarenta deixaram marcas na comunidade científica e no movimento de oposição ao regime.¹⁵ Evidenciaram que a resistência se podia também fazer pela resiliência de consciente possível de fazer ciência global e estar ativo nas redes construídas de longa duração. Um jogo de permanência e ruturas.

Porém, as histórias científicas das instituições da época permitem-nos abrir um espectro de análise de várias tonalidades, paradoxos e algumas inquietações e espantos intelectuais. É desse espanto de territórios científicos que queremos dar conta neste texto, seguindo o trajeto de um médico que se transmutou em Arqueólogo e fundador do Museu Nacional de Arqueologia, com o enquadramento da Universidade de Lisboa. Passaremos a Coimbra para o encontro com o fabuloso –mas resgatado do pó do esquecimento do passado– Laboratório de Fonética Experimental, para nos fixarmos no Porto e na prática de investigação da Estação de Zoologia Marítima da Foz. No contexto das comemorações nacionalistas de 1940 é bom atender ao uso dos oceanos em práticas científicas de investigação marítima. Este escopo de Introdução enquadra-se na historiografia de História da Ciência em Portugal e os novos desafios. As novas agendas de História da Ciência em Portugal, agora sob o olhar conceptual de uma periferia global ...!¹⁶ Os dados estão so-

14 FERREIRA, José Miguel: “‘Goa is a Paradise’: florestas, colonialismo e modernidade na Índia Portuguesa (1851-1910)”, *Revista Crítica de Ciências Sociais - Dossier “Portuguese Colonialism in Goa: Nineteenth-Century Perspectives”*, nº 115, (2018), pp.137-158.

15 ROSAS, Fernando; SIZIFREDO, Cristina (Eds): *Depuração Política do Corpo Docente das Universidades Portuguesas durante o Estado Novo (1933-1934)*, Lisboa, Ed. IHC- FCSH, 2011.

16 LOPES, Quintino: *Uma periferia global: Armando de Lacerda e o Laboratório de Fonética Experimental de Coimbra (1936-1979)*, Lisboa, Caleidoscópio, 2020.

bre a mesa. Pensar a Universidade com a dinâmica de ideia de circulação, de troca de conhecimento e de globalização que entram no jogo de construção de conhecimento científico em torno de saberes das Universidades em Portugal nos anos 30.¹⁷

*Leite de Vasconcelos entre Lisboa e Espanha – fios da arqueologia*¹⁸

A Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa mantinha diversos contactos e permutas com as universidades espanholas da década de 1930, nomeadamente através do professor e diretor do Museu Etnológico Português, José Leite de Vasconcelos (1858-1941). Vasconcelos foi o fundador do Museu Etnológico Português (1893), hoje Museu Nacional de Arqueologia. Instituição à qual esteve ligado desde a sua fundação até à sua morte em 1941;¹⁹ registase que desde a República, a partir de 1913, o Museu se encontrava indexado à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.²⁰ No espaço de Museu,²¹ e o uso dinâmico das suas coleções, decorreriam várias aulas para os estudantes da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, como uma extensão de espaço da Faculdade de Letras.²² Olhemos um pouco à lupa o percurso transversal de José Leite de Vasconcelos, médico formado no Porto em 1886, território onde exerceu por um breve período essa sua competência académica, mudando-se para Lisboa para assumir o cargo de conservador e professor de nu-

17 A agenda de investigação que serve de matriz à organização e produção de DIOGO; Maria Paula; LUÍS, Cristina; SOUSA, M. Luísa (Eds): “Inovação. Contestação no século XX”, in Maria Paula DIOGO; Ana SIMÕES (Coord. Geral): *Ciência, Tecnologia e Medicina na Construção de Portugal*, Vol. 4, Lisboa, Ed. Tinta-da-china, 2021.

18 Contributo do Projeto TRANSMAT – Materialidades transnacionais (1850-1930): reconstituindo coleções e ligando histórias” (PTDC / FER-HFC / 2793/2020), financiado pela FCT. <https://transmat.uevora.pt/projecto/>.

19 Foi o seu diretor entre 1893 e 1929, data em que se reformou e passou a diretor honorário.

20 *Diário do Governo* n.º 196, 22 Agosto 1913.

21 O Museu foi criado em 1893, com a designação inicial de *Museu Etnográfico Português*. Quatro anos mais tarde, em 1897, assumiria a designação *Museu Etnológico Português*; em 1929 passa a designar-se *Museu Etnológico Dr. Leite de Vasconcelos*. O seu nome alterou-se, novamente, em 1989 quando assumiu se assumiu no espaço público como *Museu Nacional de Arqueologia Dr. Leite de Vasconcelos* e na atualidade é conhecido como o *Museu Nacional de Arqueologia*.

22 COUVANEIRO, João: “Cem anos da Faculdade de Letras em Lisboa”, in *Biblos*, N.º. IX, (2011), pp. 339-374.

mismática da Biblioteca de Lisboa. Durante o exercício deste cargo desenvolveu uma coleção de etnografia e arqueologia, e o interesse pelas religiões primitivas de Portugal, formando igualmente uma coleção de epígrafes e de ex-votos provenientes do santuário do pré-romano de Endovélico (Alandroal, Sul de Portugal). A este conjunto de objectos pré-romanos, diríamos institucionais, juntou Leite de Vasconcelos a sua coleção particular e um importante conjunto de objectos que integraram o desmantelado *Museu Archeologico do Algarve*, inaugurado numa Lisboa celebrativa de Centenário evocativo de Camões, em Setembro de 1880, no âmbito do programa social e científico da IX sessão do Congresso Internacional de Antropologia e de Arqueologia Pré-Histórica.

O médico, amador de objetos e de coleções de arqueologia, diligenciou para incorporar todas as coleções arqueológicas dispersas em instituições públicas e beneficiar do dinâmico movimento do colecionismo privado que ocorria em todas as regiões do país.²³ Estamos, pois, entre a esfera do colecionismo privado e a sua passagem para a esfera pública, de reputação e retórica científica, e de construção e alargamento de redes de circulação e de trocas. Para aproximar este movimento dos colecionadores particulares, José Leite de Vasconcelos estabeleceu uma muito bem-sucedida rede de comunicação de conhecimento disseminada por todo o território nacional. Esta rede estendia-se, com objetivos diferentes, ao estrangeiro, através da qual o próprio permutava as suas publicações científicas, efetuava trocas de objectos e de informações diversas com intelectuais e académicos de diversas geografias.

O levantamento dos mais de 3600 dos seus correspondentes representados no seu epistolário²⁴ permite-nos identificar as relações mantidas com académicos das Universidades Espanholas. Marco importante para entender o ambiente possível de prática científica em Portugal e Espanha. Entre esses intelectuais encontramos o catedrático de arqueologia da Universidade Central, Francisco Alvarez-Osório, (1856-1933), com quem trocou correspondência entre 1909 e 1934. Pere Bohigas y Balaguer (1901-2003), doutorado em «Filosofía y Letras» pela Universidad de Barcelona, professor de Paleografia até 1939, integrou igualmente a rede de relações com o professor da Faculdade de Letras de Lisboa. A

23 PEREIRA, Elisabete J. Santos; LOPES, Maria Margaret; NUNES, Maria de Fátima: “‘Collective wisdom’ at the National Archaeological Museum in Portugal”, *Museum History Journal*, (2020), pp. 1-21. <https://doi.org/10.1080/19369816.2019.1731148>

24 Foi publicado, em 1999, com a coordenação de Livia Cristina Coito, responsável pela Biblioteca e Arquivo Histórico do Museu Nacional de Arqueologia, onde aquele se conserva, constituindo o Suplemento n.º 1 à centenária revista *O Arqueólogo Português*, fundada por J. Leite de Vasconcelos em 1895.

sua troca correspondência ocorreu entre 1926 e 1927. Entre os anos de 1891 e 1931 foram emitidas de Santiago de Compostela as cartas de Salvador Cabeza León (1864-1934), destacada personalidade –professor e político– da Galiza. Da Universidade de Madrid destaca-se a figura de Ramón Menéndez-Pidal (1869-1968). Guardam-se mais de 70 cartas no arquivo do Museu Nacional de Arqueologia emitidas pelo criador da escola filológica espanhola. Menéndez-Pidal, detentor da cátedra de filologia românica da Universidade de Madrid, foi confirmado em 1915 no cargo de diretor do Centro de Estudios Históricos e em 1926 foi eleito primeiro vice-presidente da Junta para Ampliación de Estudios e Investigaciones Científicas. As cartas que dirigiu a José Leite de Vasconcelos foram maioritariamente emitidas de Madrid entre os anos de 1890 e 1940. A sólida relação académica estabelecida entre ambos é evidente no Prefácio ao *Romanceiro Português*, de Leite de Vasconcelos, publicado postumamente, em 1958.²⁵

Alargando o âmbito geográfico da Península Ibérica, registamos os contactos com a Universidade de Barcelona, que se efectuam por via dos estudos ibéricos desenvolvidos por Pere Bosch-Gimpera (1891-1974). Existe uma troca de correspondência com Leite de Vasconcelos que se desenvolve entre 1920 e 1934 muito estreita, indicando grande proximidade entre estas duas personalidades. Em 1933, Bosch-Gimpera publicou no volume de homenagem ao conhecido colecionador português Francisco Martins Sarmiento (1833-1899) o estudo “Los Celtas en Portugal y sus caminos”.²⁶ Mais tarde, no volume de homenagem dedicado a J. Leite de Vasconcelos pela Universidade de Coimbra, publicado em 1934, apresentou o ensaio “Relaciones prehistóricas de Irlanda com el Occidente de la Península Ibérica”.²⁷ Os fabulosos anos 30, de facto, em ação! Num recorte de 1934 da correspondência trocada com José Leite de Vasconcelos, Bosh Gimpera partilha precisamente o período da sua vida académica em que assume o cargo de reitor; vejamos um naco de prosa trocada a partir de Barcelona:

25 VASCONCELOS, J. Leite de: *Romanceiro Português*, [Coimbra]: Ordem da Universidade, 2 vol, 1958.

26 BOSCH-GIMPERA, P.: “Los Celtas y la Civilización Céltica en la Peninsula Ibérica”, *Boletín de la Sociedad Española de Excursiones*, Ano 29, (1921), pp. 248-300.

27 BOSCH-GIMPERA, P.: “Relaciones prehistóricas entre Irlanda con el Occidente de la Península Ibérica”, *Miscelánea científica e literária dedicada ao Doutor J. Leite de Vasconcelos*, Coimbra, 1934, pp. 44-66.

Barcelona 12 Junio 34.

Mi querido y admirado amigo: Recibo su amable carta y verdaderamente tengo que excusarme con V. por no haber dado señales de vida en todo este tiempo. Estamos [???] de trabajos de reorganización en todas nuestras instituciones pues a consecuencia de la autonomía de Cataluña, la Universidad he obtenido un régimen especial y yo fui elegido Rector por mis compañeros. Además hemos trasladado el Museo de Arqueología, a un otro edificio en [???] y estamos allí haciendo obras para su instalación; y se han reemprendido las excavaciones de Ampurias paradas durante varios años. Ya puede V. [???] las complicaciones que hemos tenido. Ello he hecho que [???] un poco mi correspondencia y por ello le ruego que me pueda perdonar. [...]²⁸

Bosh Gimpera tinha recebido havia pouco tempo a publicação de Leite de Vasconcelos, *Etnografia Portuguesa* e regista que iria encaminhar os seus trabalhos *Etnologia de la Península Ibérica*²⁹ e os seus *Celtas y el pais vasco, y sobre los Cantabros*.³⁰ Alguns meses depois relata os desafios inerentes ao cargo de reitor de uma universidade da Catalunha, inclusivamente o período em que foi feito prisioneiro por motivos políticos.

Barcelona 20 Diciembre 34.

Mío querido y admirado amigo: Mucho le agradezco su carta y su interés por mí. Llegó cuando estaba en la cárcel donde estuve mes y medio procesado absurdamente con otros compañeros universitarios por el supuesto delito de “rebelión militar” hasta que el Gobierno que había promovido cesamiento comprendió que en él se dañaba más a él que a nosotros y sobreseyó la causa. El verdadero motivo fue que querían deshacer la organización de la Universidad autónoma de la que como sabe V. era yo Rector y como no podían hacerlo legalmente, con el pretexto de que las autoridades académicas estaban en el cárcel se incautaron de ellas y nombraron un Comisario que pudo así libremente sin protestas de nadie suspender profesores, paralizar obras en curso y cambiar los planes de estudio. Los periódicos enemigos de la autonomía de Cataluña habían [???] rolar toda suerte de [???], pretendiendo que en la Universidad ya había [???] política y nacionalista. Y como la censura de la prensa no dejó pasar nada en defensa nuestra, pudieron lograr un ambiente favorable a ellos, sin que por nuestra parte pudiésemos contestar. Le deseo muy feliz año

28 Arquivo do Museu Nacional de Arqueologia, carta de P. Bosh-Gimpera: MNA: 409/2603. Transcrição de CARDOSO, João Luís: *José Leite de Vasconcelos, pré-historiador: sua projecção internacional, Separata de 150 do Nascimento do Doutor José Leite de Vasconcelos: Acta da jornada evocativa*, Lisboa: Academia Portuguesa de História, 2009, pp. 146-147.

29 BOSCH-GIMPERA, P.: *Etnologia de la Península Ibérica*. Barcelona: Editorial Alpha, 1932.

30 BOSCH-GIMPERA, P.: “Celtas y el pais vasco, y sobre los Cantabros”, *Revista internacional de los estudios vascos*, Vol. 23, N.º. 3, (1932), pp. 457-486.

nuevo y toda suerte de prosperidades. Le sabe V. que siempre es su devoto amigo que le saluda cariñosamente

P Bosch Gimpera [assinatura]³¹

Na década seguinte, Bosh Gimpera estabeleceria relações com outra geração de arqueólogos portugueses, como Afonso do Paço (militar e arqueólogo, 1895-1968), Octávio da Veiga Ferreira (engenheiro, geólogo, arqueólogo, 1917-1997), Georges Zbyszewski (geólogo, paleontólogo, arqueólogo, 1909-1999), J. Camarate França (engenheiro geólogo, 1923-1963) e D. Fernando Almeida (Ferrando António de Almeida e Silva Saldanha, médico, historiador, arqueólogo, 1903-1979).³² Parcerias de Museu, mas também laços estreitos com a prática de investigação e de ensino de Arqueologia em Portugal. De facto, desde 17 de Março de 1929, o cargo de Diretor do Museu era inerente ao de Professor Catedrático, ou Auxiliar de Arqueologia, na Faculdade de Letras de Lisboa (a norma seria anulada em 10 de Junho de 1980).³³ A legislação mostra, pois, uma grande proximidade de circulação de saberes entre as salas de aulas da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e a ala adjacente ao Mosteiro dos Jerónimos, onde se foi alocando a organização de espaços para magnificência do Museu Nacional de Arqueologia.

Seguramente que houve impacto em Portugal das ligações construídas com a Universidade da II República espanhola, sobretudo no percurso académico e profissional de Leite de Vasconcelos, diretor do Museu Etnológico Português e docente da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Pese o golpe militar de 1926, pese a implantação da Ditadura Militar até 1933, e de o Estado Novo ser consagrado pela Constituição de 1933 – de recorte fascista, os laços de intercâmbio científico e cultural mantiveram-se, malgrado as diferenças de regimes. As trocas e a circulação de saberes estavam acima de um horizonte fechado por brumas obscuras.

31 Arquivo do Museu Nacional de Arqueologia, carta de P. Bosh-Gimpera: MNA: 409/2604. Transcrição de CARDOSO, João Luís: *José Leite de Vasconcelos, pré-historiador...*, pp. 147-148.

32 Alguns deles participariam no volume de Homenagem que lhe viria a ser dedicado, publicado na Cidade do México em 1963, aquando da sua jubilação aos 70 anos. CARDOSO, João Luís: *José Leite de Vasconcelos, pré-historiador...*

33 Conforme registado na página oficial do Museu Nacional de Arqueologia. <http://www.museunacionalarqueologia.gov.pt/?p=190> [acedido 30-05-2022].

*Laboratório de Fonética Experimental de Coimbra (1936-1979):
centralidade científica na periferia*

O Laboratório de Fonética Experimental da Universidade de Coimbra era considerado por diversos membros da comunidade científica internacional, desde a sua fundação em 1936 até aos anos 50, o mais avançado laboratório do género na Europa.³⁴ Esta distinção advinha fundamentalmente do seu apetrechamento com cromógrafos, os inovadores instrumentos de investigação criados pelo fundador e diretor do laboratório, Armando de Lacerda (1902-1984), os quais superavam o quimógrafo, então dominante nos laboratórios de Fonética.³⁵

Biografar este laboratório português implica contextualizar a sua criação no âmbito da política científica da Junta de Educação Nacional (1929-1936). Influenciada pela Junta para Ampliación de Estudios e Investigaciones Científicas, e pelo Fonds National Belge de la Recherche Scientifique (1928-), a Junta de Educação Nacional foi a primeira instituição criada em Portugal com o objectivo de planificar e financiar a investigação científica. De acordo com a sua política, dever-se-iam financiar prioritariamente áreas do conhecimento com pouca tradição ou mesmo inexistentes em Portugal. Este era o caso da Fonética Experimental, o que contribuirá para explicar o forte apoio da Junta de Educação Nacional, e do seu sucessor Instituto para a Alta Cultura (1936-1952), a Armando de Lacerda e à criação do Laboratório de Fonética Experimental de Coimbra.³⁶

Licenciado em Filologia Germânica pela Faculdade de Letras do Porto, Lacerda inicia a sua especialização em Fonética Experimental em 1930 na Universidade de Hamburgo. Para esse estágio sob supervisão de Giulio Panconcelli-Calzia (1878-1966), diretor do Laboratório de Fonética de Hamburgo, Lacerda beneficia da concessão de uma bolsa de estudo da Junta de Educação Nacional. Em Hamburgo, com o apoio de um mecânico que trabalha para o Laboratório de Fonética, Lacerda cria o seu primeiro instrumento para o es-

34 LOPES, Quintino: *Uma periferia global...*

35 LOPES, Quintino; BROCK-NANNSTAD, George: “Lacerda’s chromographs (1930s-1950s): the circulation and appropriation of knowledge in Europe and the Americas”, in Jan VOLÍN e Pavel STURM (eds.): *Proceedings of the Forth International Workshop on the History of Speech Communication Research*, Dresden, Technische Universität Dresden Press, 2021, pp. 93-104.

36 LOPES, Quintino: *A europeização de Portugal entre guerras. A Junta de Educação Nacional e a investigação científica*, Casal de Cambra, Caleidoscópio, 2017.

tudo da fala humana: o “Labiógrafo-Inscritor-Oral de Lacerda”, sobre o qual Panconcelli-Calzia se refere nos seguintes termos: “O Dr. Lacerda inventou um processo notável que torna possível uma delimitação exacta dos sons”.³⁷

Após permanência no Laboratório de Fonética de Hamburgo, entre 1930 e 1931, Armando de Lacerda é convidado pelo diretor do Instituto de Fonética da Universidade de Bona, Paul Menzerath (1883-1954), para que desenvolvesse estudos em colaboração. Destes trabalhos destaca-se a obra *Koartikulation, Steuerung und Lautabgrenzung*,³⁸ cujos resultados obtidos derivam do uso de um novo “Labiógrafo” que Lacerda havia entretanto criado em Bona.

A propósito deste trabalho referia-se na época o presidente da Sociedade Internacional de Fonética Experimental, E. W. Scripture (1864-1945), nos seguintes moldes:

Acabo agora mesmo de percorrer o trabalho genial de V. Ex.^a [P. Menzerath] e do Snr. Lacerda. Só posso dizer que sob o ponto de vista da aparelhagem e dos métodos se chegou a uma perfeição até hoje ainda não alcançada. Não posso deixar de admirar a genialidade e habilidade dos autores. Os registos propriamente ditos são de uma precisão e perfeição que não tem igual. As explicações das curvas são excelentes. As conclusões que se deduzem são da maior importância. O trabalho é certamente do melhor que se tem publicado no domínio da fonética experimental.³⁹

Posteriormente, esta opinião encontrou expressão nas palavras do fonetista António Almeida, que registou: “In the first 3 years of his scientific work Armando de Lacerda gained international reputation as a phonetician. His book (in collaboration with Menzerath) on phonetic segments and segmentation marks the beginning of modern phonetics: It is one of the first attempts to give a theoretical account of experimental data on the dynamics of speech production”.⁴⁰

Além do pioneirismo nos estudos de coarticulação e segmentação dos sons

37 Arquivo do Camões, Instituto da Cooperação e da Língua, I.P. Caixa 1337, Processo 3, Documento 105.

38 MENZERATH, Paul; LACERDA, Armando de: *Koartikulation, Steuerung und Lautabgrenzung*, Berlin; Bonn, Ferd. Dümmlers Verlag, 1933. Ver também Arquivo do Camões, Instituto da Cooperação e da Língua, I.P. Caixa 1337, Processo 3.

39 A cópia desta carta, com a respectiva tradução que transcrevemos, encontra-se arquivada no Arquivo do Camões, Instituto da Cooperação e da Língua, I.P. Caixa 1337, Processo 3, Documento 86.

40 ALMEIDA, António: “Necrologium: Armando de Lacerda”, *Phonetica*, 42 (1), (1985), pp. 48-49.

da fala, a presença do foneticista português em Bona salda-se ainda pela criação de um outro instrumento, o “Policromógrafo”, que Lacerda apresenta no I Congresso Internacional de Ciências Fonéticas (Amesterdão, 1932) e que marca o início da cromografia como um novo método de investigação na Fonética Experimental.

Entretanto, em Portugal a Faculdade de Letras de Coimbra manifestava aos dirigentes da Junta de Educação Nacional o seu interesse em acolher o primeiro laboratório de Fonética Experimental em Portugal. A esse propósito atenda-se à missiva remetida pelo seu diretor, Eugénio de Castro e Almeida (1869-1944), ao secretário-geral da Junta de Educação Nacional, Simões Raposo (1898-1934), em Março de 1934:

Há muito que esta Faculdade reconhece a necessidade e nutre a aspiração de possuir um Laboratório de fonética experimental, constantemente reclamado, como indispensável, pelos Professores de filologia clássica, românica e germânica.

Constando-lhe que a Junta de Educação Nacional, sempre pronta a acudir às necessidades mais urgentes do ensino, está na muito louvável intenção de fundar em Portugal um instituto daquela natureza, encarrega-me o Conselho desta Faculdade de me dirigir a V. Ex.cia, significando-lhe o grande empenho que tem de ver escolhida esta corporação para sede do mesmo instituto, que aqui encontraria para a sua instalação duas boas salas, há muito destinadas para esse fim.⁴¹

O primeiro laboratório de Fonética Experimental em Portugal será efetivamente instalado na Faculdade de Letras de Coimbra, assistindo-se à sua inauguração em Setembro de 1936. Fundado e sucessivamente financiado pelo Instituto para a Alta Cultura, este espaço laboratorial na periferia europeia assumiu uma assinalável centralidade científica, atraindo desde os anos 30 inúmeros investigadores da Europa, América e África para as suas salas, onde procuravam especializar-se sob a supervisão do seu diretor.

Entre estes investigadores que estagiaram prolongadamente em Coimbra, frequentemente com bolsas de estudo de instituições científicas estrangeiras, contam-se cientistas das universidades de Harvard, Paris, Cambridge, Bona, Texas, Toulouse, Milão, Salvador da Bahia, Madrid, Acra, Uppsala, Oslo, Rio de Janeiro, Barcelona e Edimburgo.⁴² Entre os primeiros, que materializa-

41 Arquivo do Camões, Instituto da Cooperação e da Língua, I.P. Caixa 1287, Processo 1, Documento 5.

42 LOPES, Quintino: *A europeização de Portugal entre guerras...* pp. 182-194. LOPES, Quintino: *Uma periferia global...* pp. 53-69.

vam o prestígio internacional de Lacerda e as notícias das “esplêndidas instalações técnicas” do laboratório veiculadas em publicações no estrangeiro, encontram-se Paul Pohl (1915-?) e Francis Rogers (1914-1989). Se o primeiro provém da Universidade de Bona, direccionado por Paul Menzerath, Rogers era um doutorando de Harvard que em 1939, detendo uma bolsa de estudo dessa universidade, permanece quatro meses no Laboratório de Fonética Experimental de Coimbra, onde se especializa no uso da cromografia.⁴³

Os investigadores espanhóis, María Josefa Canellada (1912-1995) (Universidade Central de Madrid) e António Badia Margarit (1920-2014) (Universidade de Barcelona), viriam nos anos 40. De facto, a criação do Laboratório de Fonética Experimental de Coimbra, conjugada com o encerramento –na Guerra Civil Espanhola– do Laboratório de Fonética do Centro de Estudios Históricos, dirigido por Tomás Navarro Tomás (1884-1979), permitirá a Portugal assumir, pela primeira vez, a condição de país de destino dos foneticistas espanhóis, juntando-se à Europa além-Pirenéus como espaço privilegiado de especialização científica.⁴⁴

Neste panorama de mobilidade e circulação transnacional de conhecimentos e investigadores, a vigilância exercida pela polícia política portuguesa sobre a actuação, intervenção pública, entradas e saídas de Portugal de Lacerda e dos seus colaboradores constitui uma limitação à actividade do laboratório.⁴⁵ Mas os problemas internos deste espaço eram mais vastos e de natureza distinta.

A existência do laboratório, com cientistas de bata branca, na Faculdade de Letras de Coimbra acarretou resistências e ressentimentos dos pares. As duas

43 Arquivo do Camões, Instituto da Cooperação e da Língua, I.P. Caixa 0550, Processo 1.

44 LOPES, Quintino: *Uma periferia global...* pp. 59-60, 90. LÓPEZ-OCÓN, Leoncio; ALBALÁ HERNÁNDEZ, María José; GIL FERNÁNDEZ, Juana: “Las redes de los investigadores del Centro de Estudios Históricos: el caso del laboratorio de fonética de Tomás Navarro Tomás”, in José Manuel SÁNCHEZ RON; Antonio LAFUENTE GARCÍA; Ana ROMERO e Leticia SÁNCHEZ DE ANDRÉS (eds. lit.): *El laboratorio de España. La Junta para Ampliación de Estudios e Investigaciones Científicas (1907-1939)*, Madrid, Sociedad Estatal de Conmemoraciones Culturales, 2007, pp. 299-329. Ver também PEDRAZUELA FUENTES, Mario: “La modernización de los estudios filológicos en España: la Sección de Filología del Centro de Estudios Históricos”, in Pilar GARCÍA MOUTON e Mario PEDRAZUELA FUENTES (eds.): *La Ciencia de la Palabra. Cien años de la Revista de Filología Española*, Madrid, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 2015, pp. 55-89.

45 Arquivo da PIDE/DGS (Arquivo Nacional da Torre do Tombo). DEL C, PI 5277, NT4499.

culturas que C. P. Snow (1905-1980) denunciou em 1959 faziam-se sentir em Coimbra em inícios dos anos 30, quando Armando de Lacerda chega à Faculdade de Letras com o intuito de instalar o laboratório que viria a dirigir.⁴⁶

Se em Julho de 1933, finda a bolsa de estudo, regressa da Alemanha como uma referência internacional na área da Fonética Experimental, em 1934 Lacerda vê ser-lhe atribuído um cartão de aluno pela Faculdade de Letras de Coimbra.⁴⁷ Posteriormente, figurará nos *Anuários* da Universidade de Coimbra como um membro do “Pessoal técnico, administrativo, auxiliar e menor” da Faculdade de Letras, junto, entre outros, do guarda, dos contínuos e dos conservadores. No polo oposto situava-se o “Pessoal docente”, incorporando desde assistentes a catedráticos,⁴⁸ e se Lacerda se lamentava já em 1937 que colegas da sua faculdade, apesar de fortemente instados, não manifestavam interesse em entrar no laboratório, o seu discípulo Göran Hammarström (1922-2019) refere o caso de outros, como Manuel de Paiva Boléo (1904-1992) e o seu assistente José Herculano de Carvalho (1924-2001), cujas visitas ao laboratório não impediam o seu ceticismo no trabalho aí desenvolvido.

A esta realidade acrescia por fim, ainda nas palavras do mesmo Hammarström, o ressentimento que teria suscitado entre os docentes da Faculdade de Letras a atração que o laboratório exercia sobre a comunidade internacional de foneticistas.⁴⁹ Não esgotando a explicação, estas causas terão contribuído para a limitada reputação que Armando de Lacerda e o Laboratório de Fonética Experimental usufruíram na Universidade de Coimbra.

Institucionalização da Biologia Marinha em Portugal: a Estação de Zoologia Marítima da Foz (1913-1935)

Em 1913 foi fundada a Estação de Zoologia Marítima da Foz, a primeira estação experimental universitária em Portugal. Tutelada pelo Laboratório e Museu de Zoologia da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, a sua direção foi entregue ao zoólogo Augusto Pereira Nobre (1865-1946). À semelhança de outras estações experimentais, a Estação da Foz potenciou a

46 SNOW, C. P.: *The two cultures and the scientific revolution*, New York, Cambridge University Press, 1961.

47 Bilhete de identidade do aluno Armando Soeiro Moreira de Lacerda (Arquivo Familiar Paulo de Lacerda).

48 *Anuário da Universidade de Coimbra, 1950-1951*, Coimbra, 1952.

49 HAMMARSTRÖM, Göran: *Memories of a linguist 1940-2010*, Muenchen, Lincom Europa, 2012, pp. 14, 87-90.

emergência de novas espacialidades e sociabilidades, bem como a criação de *comunidades de práticas*⁵⁰ europeizadas, procurando cumprir um ideal de serviço público.⁵¹

De caráter atlântico, a sua ligação ao ensino superior impôs-lhe responsabilidades acrescidas no âmbito do ensino prático e da formação avançada na Faculdade de Ciências. Seguindo o modelo francês, sobretudo o das estações de Sète e de Arcachon, a Estação beneficiou de financiamento público, através de verbas atribuídas pela Universidade do Porto e de dotações previstas no Orçamento Geral do Estado. O seu funcionamento foi assegurado pelo pessoal do Laboratório de Zoologia e por um coletor, maquinista e guarda privativos, responsáveis, entre outras tarefas, pelas expedições científicas à costa e ao mar alto.⁵²

Após algumas hesitações iniciais sobre a melhor localização para a Estação, resolveu-se instalá-la junto da foz do rio Douro, na avenida de Montevideu, freguesia de Nevogilde, pelas condições naturais favoráveis, proximidade do porto de Leixões e da cidade do Porto, facilitando, desse modo, o acesso dos estudantes, naturalistas e investigadores. As obras de construção do edifício-sede iniciaram-se em 1914, prolongando-se até 1927.⁵³

Adotando uma arquitetura sóbria e utilitária, a Estação de Zoologia Marítima da Foz foi dotada com os equipamentos necessários para o ensino e a investigação, nomeadamente salas de aula, gabinetes de trabalho, biblioteca e laboratórios especializados para trabalhos em oceanografia, histologia, bacteriologia e biologia geral. A partir de 1927 desempenhou também um papel relevante na popularização da ciência, através da inauguração de um aquário

50 LAVE, Jean; WENGER, Etienne: *Situated Learning: Legitimate Peripheral Participation*, Cambridge, Cambridge University Press, 1991.

51 DE BONT, Raf: “Between the Laboratory and the Deep Blue Sea: Space Issues in the Marine Stations of Naples and Wimereux”, *Social Studies of Science*, 39 (2), (2009), pp. 199-227; HUBBARD, Jennifer; WILDISH, David; STEPHENSON, Robert (eds.): *A Century of Maritime Science. The St Andrews Biological Station*, Toronto, University of Toronto Press, 2016.

52 SALGUEIRO, Ângela: “Oceans, science, and universities: scientific study of the sea during the First Portuguese Republic”, *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, 28 (2), (2021), pp. 473-489.

53 U.PORTO: Edifícios com história – Estação de Zoologia Marítima Dr. Augusto Nobre, Universidade do Porto; SALGUEIRO, Ângela: “O Estudo científico do mar: entre ciência e política. Estado, laboratórios e cientistas (1910-1926)”, *Varia Historia*, 37 (75), (2021), pp. 663-686.

público muito visitado pela população da cidade.⁵⁴ Apesar de apresentar limitações, nomeadamente a ausência de um cais acostável, a instituição beneficiou de boas condições materiais nas primeiras décadas da sua atividade.⁵⁵ Contava com três embarcações para missões científicas (um bote, um barco e um escaler) e possuía terrários, aquários de água doce, aquários de água salgada e um grande aquário para expor os espécimes de maior dimensão, no âmbito da conceção vitoriana de aquários enquanto repositórios de coleções vivas.⁵⁶

Entre 1920 e 1935 ficou na dependência do Instituto de investigação científica de Zoologia, o qual estava organizado em dois polos: o da Faculdade de Ciências do Porto, que incluía o museu de Zoologia e o laboratório de trabalhos práticos; e o da Avenida de Montevideu, onde estavam os núcleos de natureza económica, como a Estação e o Laboratório de Entomologia.⁵⁷

Até 1935, ano da jubilação de Augusto Nobre, a atividade da Estação da Foz confunde-se com o trabalho do seu diretor. De facto, além de assegurar a gestão da instituição, este zoólogo foi o seu principal dinamizador, definindo-lhe os princípios orientadores, acompanhando as obras de construção, organizando a equipa científica e liderando a investigação aplicada. A criação de uma estação experimental permitiu-lhe concretizar um objetivo há muito almejado, nomeadamente o de assegurar as condições necessárias para a realização de trabalhos *in situ*, articulando trabalho de campo e investigação laboratorial, e ultrapassando os constrangimentos existentes no estudo de temas relacionados com os recursos naturais e haliêuticos nacionais.⁵⁸

54 ADUP REIT: “Aquário da Foz”, *O Comércio do Porto*, 28 de julho de 1927.

55 FERREIRA, José Bettencourt: *La Station Maritime de Foz (Douro) et le litoral portugais au point de vue des études biologiques*, Porto, Imprensa Portuguesa, 1938; GUIMARÃES, António: “O Instituto de Zoologia e a Estação de Zoologia Marítima Dr. Augusto Nobre”. In: COMISSÃO EXECUTIVA DOS CENTENÁRIOS: *Congresso do Mundo Português*, 12 (1), Lisboa, Comissão Executiva dos Centenários, 1940, pp. 561-569; MACHADO, António: *O Instituto de Zoologia e a Estação de Zoologia Marítima Dr. Augusto Nobre*, Porto, Imprensa Portuguesa, 1941.

56 BRUNNER, Bernd: *The ocean at home: an illustrated history of the aquarium*, New York, Princeton Architectural Press, 2005.

57 LISBOA. Decreto de 24 novembro 1920. *Diário do Governo*, Lisboa, Série II, nº 73, 31 mar. 1921.

58 PINTO, Bruno: “Historical Connections Between Early Marine Science Research and Dissemination”, *ICES Journal of Marine Science*, 74 (6), (2017), pp. 1522-1530; GARRIDO, Álvaro: *As Pescas em Portugal*, Lisboa, Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2018.

Natural do Porto, Augusto Nobre frequentou a Universidade de Coimbra e os preparatórios médicos da Academia Politécnica. No final da década de 1880, procurando complementar a sua formação, em virtude do seu descontentamento com o ensino superior português, estagiou em França, tendo frequentado a Station de Biologie Marine de Sète dirigida por Armand Sabatier (1834-1910).⁵⁹ Esta experiência possibilitou o aperfeiçoamento da sua prática laboratorial, bem como a aprendizagem de novas técnicas e metodologias no âmbito da biologia marinha.

Como é sabido, as ciências naturais não lograram atingir ainda entre nós o grau de avanço com que caminham em outros países, devido sem dúvida à insuficiência de preparação com que os estudantes deixam as nossas escolas superiores, [...] direi apenas que comigo se deu o facto de, a primeira vez que dissequei em um laboratório estrangeiro a *ecrevisse* a ficar conhecendo melhor do que durante os longos dias que levou o seu estudo na escola portuguesa que frequentei, pelo processo de decorar o que a este respeito dizia o livro de Lanessan auxiliado pelo clássico livro de Huxley, [...] *como se poderá esperar que de aborrecidos nasçam vocações* [...]?⁶⁰

No regresso a Portugal procurou aplicar as técnicas aprendidas em França no Museu de Zoologia da Academia Politécnica do Porto, onde desempenhou funções de naturalista; no Laboratório de Zoologia Experimental de Leça da Palmeira, que criou na década de 1890; e na Estação Aquícola do Rio Ave, que dirigiu entre 1894 e 1933. Da sua atividade malacológica resultaria a coleção *Moluscos Marinhos de Augusto Nobre*, preservada no Museu de História Natural e da Ciência da Universidade do Porto e que integra espécimes *Phylum Mollusca* – classes *Gastropoda*, *Polyplacophora*, *Bivalvia* e *Cephalopoda*.⁶¹ Por sua vez, os estudos entomológicos possibilitaram a criação de redes científicas, através da correspondência regular com naturalistas portugueses e estrangeiros, como Ignacio Bolívar y Urrutia (1850-1944), que publicaria o *Catalogo sinóptico de los Ortópteros de la fauna ibérica* (1897-1900) nas páginas dos *Annaes de Sciencias Naturaes*, editado por Nobre.⁶²

Não obstante, no seu pensamento tornou-se cada vez mais urgente a ne-

59 NOBRE, Augusto: “O laboratorio maritimo de Leça da Palmeira”, *Annaes de Sciencias Naturaes*, 3, (1896), pp. 123-124.

60 Sublinhado nosso. NOBRE, Augusto: “O laboratorio maritimo de Leça da Palmeira”, *Annaes de Sciencias Naturaes*, 3, (1896), pp. 123-124.

61 SANTOS, António: “Moluscos Marinhos de Augusto Nobre – Natural History and Science Museum of the University of Porto (MHNC-UP)”, GBIF.org, (2013).

62 CSIC, Correspondencia de Augusto Nobre a Ignacio Bolívar 1886-1915.

cessidade de criar uma estação experimental oficial, que pudesse responder eficazmente aos desafios geoestratégicos, económicos e científicos que se colocavam no início do século XX, quer em termos de conhecimento dos recursos naturais nacionais, como na promoção de lógicas conservacionistas, enquadradas por organismos multilaterais, como o International Council for the Exploration of the Sea.⁶³ Considerando a posição geográfica de Portugal, “colocado entre os dois grandes centros, [...] o Mediterrâneo e o Atlântico”,⁶⁴ caberia à estação experimental fomentar a investigação aplicada em biologia marinha; formar alunos na prática científica, articulando trabalho de campo e trabalho laboratorial; contribuir para a melhoria da exploração dos recursos marinhos; e promover a cooperação interinstitucional, nomeadamente com organismos públicos.⁶⁵

Deste modo, criada a Estação de Zoologia Marítima da Foz, foi possível assegurar à comunidade científica nacional as condições indispensáveis para a realização de estudos sobre sistemática, histologia, embriologia, ictiologia e oceanografia no norte do país. Os alunos e os investigadores que frequentaram a Estação tinham à sua disposição material para a realização de “dragagens, sondagens, [e] estudo dos fundos submarinos”, contando, ainda, com o apoio dos pescadores e das companhias pesqueiras para a obtenção de espécimes raros.⁶⁶

A Estação afirmar-se-ia, sobretudo, como um “centro ativo de investigação sistemática”,⁶⁷ ou seja, de descrição e inventariação de espécimes marinhos seguindo a taxonomia de Lineu. Também neste âmbito ficaria evidente o seu caráter *personalista*, dependente da figura e da produção científica do professor-diretor. Apesar de ter abordado temas distintos, como a pesca, a geografia zoológica ou a zoologia aplicada, Nobre privilegiou os estudos

63 GARRIDO, Álvaro: *As Pescas em Portugal*, Lisboa, Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2018; GARRIDO, Álvaro; STARKEY, David (eds.): *Too Valuable to be Lost. Overfishing in the North Atlantic since 1880*, Boston, De Gruyter Oldenbourg, 2020.

64 NOBRE, Augusto: *Leça da Palmeira: recordações e estudos de há sessenta anos*, Porto, Augusto Costa, 1946, p. 75.

65 NOBRE, Augusto: “O laboratório marítimo de Leça da Palmeira”, *Annaes de Sciencias Naturaes*, 3, (1896), pp. 123-124; NOBRE, Augusto: *Leça da Palmeira: recordações e estudos de há sessenta anos*, Porto, Augusto Costa, 1946.

66 MACHADO, António: *O Instituto de zoologia e a estação de zoologia marítima Dr. Augusto Nobre*, Porto, Imprensa Portuguesa, 1941, pp. 18-19, 21.

67 LISBOA. Decreto de 24 novembro 1920. *Diário do Governo*, Lisboa, Série II, nº 73, 31 mar. 1921.

de sistemática – em *Moluscos de Portugal* (1913) ou a *Fauna Marinha de Portugal* (1935) –, onde descreveu moluscos, crustáceos, equinodermes e celenterados, entre outros.⁶⁸ Com Augusto Nobre trabalhariam professores e investigadores da Universidade do Porto, como José Maria Braga, Elias da Costa, José Bettencourt Ferreira, Mário Lopes Gonçalves e J. A. dos Reis Júnior.

Em 1935, a Estação passou a denominar-se Estação de Zoologia Marítima Dr. Augusto Nobre, na sequência da jubilação do fundador.⁶⁹ Paradoxalmente, verificou-se um decréscimo na produção dedicada a temas de biologia marinha.⁷⁰ Agravaram-se também as dificuldades de conservação do edifício e dos aquários, “em virtude da má exposição do mesmo, num local desabrigado, exposto à ação nefasta dos temporais e desgaste marítimo”,⁷¹ o que limitaria as atividades futuras. Contudo, e apesar do encerramento do aquário público (1965), a Estação continuou a apoiar o ensino prático durante todo o século XX, acolhendo, esporadicamente, iniciativas de disseminação científica – cursos livres e seminários.⁷²

Epílogo

Os fabulosos anos 30 do século XX, em Portugal, modelaram um tempo de paradoxos e desafios. Em primeiro lugar foi desafiado o *mainstream* historiográfico nacional e internacional, e interpelar de Portugal e Universidades anos 30 sob a lente de arqueologia das palavras e das ideias para a configuração de uma periferia global.⁷³ Em segundo lugar, este périplo possibilitou um

68 NOBRE, Augusto: *Moluscos de Portugal. I. Moluscos terrestres, fluviais e das águas salobras*, Lisboa, Livraria Ferin, 1913; NOBRE, Augusto: *Fauna marinha de Portugal. I - Vertebrados (Mamíferos, Reptis e Peixes)*, Porto, Companhia Editora do Minho, 1935; ALMAÇA, Carlos: *Publicações do prof. dr. Augusto Nobre sobre oceanografia biológica*, Porto, Imprensa Portuguesa, 1966.

69 LISBOA. Decreto n.º 25556, 28 junho 1935. *Diário do Governo*, Lisboa, Série I, n.º 147, 1935.

70 SALGUEIRO, Ângela: “O Estudo científico do mar: entre ciência e política. Estado, laboratórios e cientistas (1910-1926)”, *Varia Historia*, 37 (75), (2021), pp. 663-686.

71 UNIVERSIDADE DO PORTO: *Anuário da Universidade do Porto. 1950-1951*, Porto, Tip. e Enc. Domingos de Oliveira, 1952, p. 26.

72 UNIVERSIDADE DO PORTO: *Anuário da Universidade do Porto. 1950-1951*, Porto, Tip. e Enc. Domingos de Oliveira, 1952.

73 RENN, Jürgen (Eds): *The Globalization of Knowledge in History*, Berlin, Max

zoom interpretativo diferente para o binómio de Ciência & Estado Novo. Não simplificou, antes mostrou vários matizes de uma mescla de zonas cinzentas com várias *dégradés* de factos e de acontecimentos de história da ciência no Portugal dos anos 30.

Este projeto em que estamos inseridos possibilitou evidenciar que há um campo de investigação aberto para explorações futuras de *Portugal & Espanha & Europa* como caminhos de apropriação, de circulação, de inovação, mas também de contestação cultural e política, acompanhada de uma grande (e silenciosa) resiliência científica. Estamos, pois, em crer que a abordagem de Ciência em Portugal e Espanha / Europa ultrapassa em muito o quase mítico diálogo da profícua colaboração da Associação Luso-Espanhola para o Progresso das Ciências.

Estamos certos que para o contexto português, comparado e transnacional, será necessário investir no tripé de poder & saber de *Universidade - Ciência - Império, anos 30*. Serão próximas abordagens, a *História do Futuro*, recordando a figura setecentista da Época do Barroco, o Padre António Vieira.

Planck Institute for the History of Science, 2012. Online version at <http://edition-open-access.de/studies/1/> [acedido 10-12-2021]